

## A TRILOGIA DO ÚLTIMO EÇA

Roberto Loureiro (Mestre, UERJ; Professor da Faculdade CCAA)

[rbloureiro@yahoo.com.br](mailto:rbloureiro@yahoo.com.br)

**RESUMO:** *A ilustre casa de Ramires*, *A cidade e as Serras* e *A correspondência de Fradique Mendes* representam uma nova postura ideológica de Eça de Queirós. Nestas três obras, o autor defende a necessidade de a sociedade adotar uma postura de originalidade no pensar e de eliminação dos conceitos caducos naquele final de século. Assim, esses três textos são vistos neste trabalho como uma trilogia, e os protagonistas representam três propostas do autor: Gonçalo é o português rural que busca no passado a força para mudar; Jacinto é o português cosmopolita que retorna às origens para pôr-se em diálogo com o seu país e o mundo; Fradique é o português global que circula à vontade pelos continentes. A trilogia apresenta propostas para um novo século: livrar o homem das amarras que o atavam ao nacionalismo romântico, à crença cega na ciência, ao poder da igreja e aos grandes sistemas filosóficos.

**Palavras-chave:** Último Eça, Realismo-naturalismo, Fim-de-século

Eis a cronologia das obras analisadas neste trabalho: *A correspondência de Fradique Mendes* começa em 1888, n’*O Repórter*, e termina em 1890 na *Revista de Portugal*; em 1892 sai a publicação na *Gazeta de Notícias* de “Civilização”, que se desdobraria em *A cidade e as serras*; e em 1894, Eça escreve *A ilustre Casa de Ramires*, que só seria publicada parcialmente três anos depois, na *Revista Moderna*. Ou

seja, primeiro nasceu Carlos Fradique Mendes, depois veio Jacinto Galeão, e, por último, Gonçalo Mendes Ramires.

Carlos Reis atribui a estas obras a classificação de semi-póstumas porque não foram publicadas em vida pelo escritor. As três apresentam características de rigorosa observação exigida pelo realismo, como, por exemplo, as eleições e a situação financeira da nobreza rural em *A ilustre Casa de Ramires*; o *spleen* que acometia os habitantes das grandes cidades e as condições miseráveis dos trabalhadores rurais em Portugal em *A cidade e as serras*; o dandismo e tudo que envolvia essa maneira de estar na vida em *A correspondência de Fradique Mendes*. No entanto, sem a rigidez doutrinária de outros tempos e refletindo o final do século pelas vias históricas, simbólicas e míticas que configuram a mudança ideológica do autor, sobretudo n'*A cidade e as serras* e n'*A ilustre Casa de Ramires*, assim como nos contos e crônicas produzidos nos anos parisienses.

Cidades como Paris se desenvolveram procurando oferecer todo tipo de instrumento para que seus habitantes pudessem desfrutar ao máximo uma qualidade de vida que supostamente proporcionavam aos seus cidadãos. Mas esse conforto era enganoso e Eça pressentiu esse falhanço, porque enxergou que a incidência de pessoas afetadas por instabilidades emocionais, achaques e outras querelas causadas pelo ritmo de vida nas metrópoles era crescente. A melancolia atingiu pobres e ricos, homens e mulheres, moços e velhos. Enfim, o afetado foi o enfasiado indivíduo urbano.

Em Portugal, Eça reconheceu que o liberalismo não mudara drasticamente os rumos do país e que tanto históricos quanto regeneradores não promoveriam mudanças drásticas. Assim, Portugal mantinha-se preso ao passado histórico, a sociedade refém de opiniões obsoletas, a igreja se esforçando para manter o atraso e a universidade

empenhada em eliminar qualquer sopro de rebeldia. Tudo isso associado a uma geração de autores brandos e imitativos. Se nas suas primeiras obras Eça conclama a bengalada do homem de bem, nas últimas alerta para a necessidade de os portugueses adotarem uma postura autônoma em relação à política, aos costumes e aos valores nacionais.

A situação era tão preocupante, na visão de Eça, que na carta-prefácio em que autoriza a publicação de uma nova edição de *O mistério da Estrada de Sintra* diz que esta é uma obra com todos os erros que um autor não deveria cometer, mas que pela audácia com que foi escrita poderia servir de inspiração à nova geração de escritores e terminava dizendo que “aos vinte anos é preciso que alguém seja estroina, nem sempre talvez para que o mundo progrida, mas ao menos para que o mundo se agite”. (QUEIRÓS, s/d, p. 9).

Como homem de geração e aparelhado com a decantada capacidade para a observação, Eça produziu crônicas sobre a juventude parisiense, política internacional, falsos intelectuais e a docilidade dos que os ouviam enfim, uma produção cronística que combatia a carência de análise e a subserviência intelectual. Essa peleja não se restringiu às crônicas. Nos romances vai-se intensificando a capacidade crítica do escritor e em nenhum momento temos um Eça que volta atrás nos passos já dados.

Toda a experiência literária de Eça de Queirós evoluiu com o amadurecimento do escritor. Ao longo desse processo, o autor desenvolveu a sua capacidade de reflexão nos romances, contos e crônicas que produziu em 35 anos de vida literária. Discutiu o papel dos diversos atores das sociedades européia e portuguesa, acompanhou os acontecimentos do mundo na sua produção jornalística e teorizou a literatura debatendo as escolas que dominaram o século XIX. E, ao debater essas escolas, Eça repeliu a “coerência” de estar filiado a um único estilo. É o que Ana Nascimento Piedade chama,

com muita propriedade, “da coexistência e da conciliação de opostos”. (PIEIDADE, 2003, p. 126).

N’*O essencial sobre Eça de Queirós*, Carlos Reis lembra que, por viver nas proximidades das cidades difusoras da vanguarda cultural europeia (Londres e Paris), Eça percebeu, no final da década de 1880, a crise em que o naturalismo mergulhava, o que o levou a questioná-lo em *Os Maias*, sem, entretanto, eliminar completamente o estilo nesta obra. É o que Reis chama de colapso do realismo-naturalismo.

Entre os textos produzidos no período parisiense, Carlos Reis destaca “Positivismo e idealismo” (1893), em que Eça reflete sobre questões já propostas na carta-prefácio de *O Mandarim* (1884) sobre a necessidade de resgate da imaginação e da perda de influência do naturalismo como movimento literário motivado, entre outros fatores, pela onda de intolerância política que tomou conta da capital francesa contra jacobinos e positivistas. Em *A propos du Mandarim*, Eça argumenta que a fantasia é uma característica e uma inclinação espontânea do espírito português, o que confirma a sua autonomia em relação ao realismo-naturalismo e a preocupação do autor em escrever para e sobre o seu país, questões que o autor debate pela criação de Fradique, Jacinto e Gonçalo.

Fradique é um super-homem oitocentista. Domina vários idiomas, percorre continentes, luta em guerras remotas, ama e se faz amado por mulheres exóticas, conhece os grandes vultos da literatura, tem uma inteligência superior e uma originalidade única. Percorre trilhas no Himalaia como um sherpa, navega no Nilo como um mouro, cavalga no Ribatejo à campino cumprindo o preceito “em Roma sê romano”.

Jacinto também era um supercivilizado, também habitava em Paris, porém mantinha-se limitado à sua cidade, na crença de que ela era capaz de lhe proporcionar todos os confortos e o aparelhava com uma imensa biblioteca para gozar a vida “nas máximas proporções”. Acabou padecendo do mais profundo *spleen* por ter se deixado ficar refém dos aparelhos, o que o levou a se isolar progressivamente. A solidão impede a troca de experiências e negar experiências é viver em um mundo irreal. Recuperou a fibra ao retornar às suas origens no Douro, dormindo numa enxerga e sem uma única peça de roupa limpa, tornando-se útil e levando a civilização até onde ela não existia através, por exemplo, dos cabos telefônicos até Tormes para que pudesse falar com o médico, o boticário, o sogro e o amigo Zé Fernandes. Com isso, colocou a tecnologia ao seu serviço e ao de sua nova comunidade com comedimento, prudência, equilíbrio. Jacinto curou a melancolia que o dominava com trabalho simples num lugar que não possuía nenhum dos confortos com que se acostumara em Paris.

Já Gonçalo Mendes Ramires remói as suas idéias para encontrar uma maneira de sobreviver à crise que se abatia sobre fidalgos como ele. Filho de uma família histórica e repleta de feitos heróicos, Gonçalo é o retrato de um país, com defeitos e qualidades, com seu passado de glórias, seu rumo (todo seu) e que tem que se haver consigo, mesmo na pequena faixa de terra em que está assentado. Olhando para as ruínas da velha torre, Gonçalo encontra o seu caminho orientado pelo “farol” que o guia rumo a um porto seguro. Ciente dos problemas de seu país e da sua sociedade, Eça de Queirós neste texto mantém a coerência de toda a sua obra.

Esses três personagens remetem à descoberta da Humanidade a que Eça de Queirós se refere em “Um génio que era um santo” de modo enfático e por isso Miguel Real chama os anos finais do escritor de “Período Humanista”. (REAL, 2006, p. 167).

Humanismo de Gonçalo com o filho do Casco; humanismo de Fradique com o cocheiro de Santa Apolónia; humanismo de Maria Eduarda com as crianças regeladas de Londres; humanismo de Jacinto com toda a gente que habitava as suas terras.

Está claro que esse não é o Eça de garras à mostra do padre Amaro ou do Basílio, mas é um autor ciente das dificuldades e das possibilidades que eram oferecidas. Uma postura semelhante à de Garrett: lutar pelo possível, já que o desejável não era realizável. Não é à toa que, dos românticos, Eça sempre salvou Garrett.

Eça de Queirós manteve a coerência de toda uma obra voltada para uma independência intelectual como forma de afirmação da sua literatura e da sua identidade como autor. Foi talvez romântico n'*O mistério da estrada de Sintra*; n'*O crime do padre Amaro* e em *O primo Basílio* abraçou a escola realista-naturalista (não sem algumas ambigüidades); contrariou essa escola com a fantasia em *O Mandarim* e os sonhos de Raposo n'*A relíquia*; criticou o cientificismo do naturalismo n'*Os Maias*; e, finalmente, fez nessas três obras aqui estudadas uma superação de toda a sua trajetória. O que há em comum entre o Eça do *Diário de Notícias*, o Eça das Conferências do Casino e o último Eça? A coerência de lutar pelo livre-pensar, pela independência frente às convenções caducas, às idéias gastas e às filosofias totalizantes. Em suma: opôs-se ao servilismo intelectual, manteve-se anticlerical, sempre em favor do *Homem*.

Para isso, fez de Fradique o português mais interessante do século XIX; criou Jacinto como o mais civilizado dos parisienses; e concebeu Gonçalo como o fidalgo que olha o passado para construir uma nova realidade. Jacinto e Gonçalo souberam tirar da vida as lições que pudessem transformá-los como pessoas. Um é o português que se encontra no equilíbrio entre civilização e ruralidade e faz disso a sua Grã-Ventura, ignorando a crença geral na Civilização; o outro é o Portugal velho, aristocrático, que,

ao reconhecer as suas fraquezas, percebe as suas potencialidades. Renuncia à proteção do poder para tomar as rédeas da sua vida com independência e construir uma nova história. Fradique nasceu pronto, é o português do mundo, que onde quer que esteja se sente em casa. Eduardo Lourenço lembra que Fernando Pessoa via o próprio país tanto de dentro quanto de fora, e que o poeta atribui aos portugueses a vocação da *não-identidade*. A singularidade deste povo estaria na capacidade de ser plural, daí o *Paradoxo Pessoaano* que diz que “um português que só é português não é português”. (LOURENÇO, 1994, p. 14).

E pela trilha aberta por Carlos Fradique Mendes Eça fez do seu personagem mais um dos *ismos* que abundaram no seu século: o Fradiquismo, que abriu uma porta para o diálogo com a Modernidade. Por essa porta entraram também os dois fidalgos, o de Tormes e o da Torre. Um, no alto da serra observando as carências e providenciando onde instalar bocados de civilização; o outro, olhando para a torre que orientava o bom porto como um farol; Fradique era miradouro, torre, farol, bússola e o sextante de si próprio porque, à exceção de Fradique, que nasceu e foi se vestir no Poole, os outros dois reviram posições para realizar não uma Felicidade questionável e ideal (no horizonte de expectativas dos grandes sistemas de pensamento do século que terminava), mas sim para chegar mais perto do que desejavam enquanto sujeitos de sua própria história.

Aqui é necessário fazer uma curta retrospectiva de personagens queirosianos para entendermos as diferenças dos três em estudo em relação aos demais: Amaro é ordenado padre por vontade da marquesa de Alegros; Luísa deixava-se influenciar pela literatura romântica e pelas conversas com Leopoldina, assim como os seus convidados,

que seguiam religiosamente as convenções sociais; Teodoro deixou-se seduzir pelo Demônio e nunca mais encontrou “a paz da miséria”; Raposão foi adestrado pela “titi” que o subjugava com a religião e com o dinheiro; e n’*Os Maias* aparece mais veementemente o combate da dependência apática pela insubmissão, entre as velhas e as novas idéias, ainda que concluídas com a descrença em tempos melhores, característica forte da personalidade de Carlos Fradique Mendes. Forte, mas não principal. Essa é a originalidade. Opção que Jacinto e Gonçalo também fizeram. Cada um à sua maneira realizou a sua Vontade porque entenderam não ser mais possível seguir os ditames da sociedade.

E assim foi porque o autor desses três senhores protestava desde a universidade contra a manipulação das opiniões, como na crítica que faz à universidade em “Um génio que era um santo” de 1896:

O seu autoritarismo anulando toda a liberdade e resistência moral; o seu favoritismo, deprimindo, acostumando o homem a temer, a disfarçar, a vergar a espinha; o seu literalismo, representado na horrenda sebenta, na exigência do *ipsis verbis*, para quem toda a criação intelectual é daninha; [...] A Universidade, que em todas as nações é para os estudantes uma Alma Mater, a mãe criadora, por quem sempre se conserva através da vida um amor filial, era para nós uma madrasta amarga, carrancuda, rabugenta, de quem todo o espírito digno se desejava libertar, rapidamente, desde que lhe tivesse arrancado pela astúcia, pela empenhoca, pela sujeição à “sebenta”, esse grau que o Estado, seu cúmplice, tornava a chave das carreiras. (QUEIRÓS, s/d, pp. 257-258).

Aqui entendemos o horror ao dogma, ao “conselheiro”, ao “amanuense” e ao servilismo intelectual que sempre estiveram presentes na obra queirosiana e que nos seus três últimos romances o autor faz, como numa trilogia, uma conclamação à liberdade e à independência individuais aos seus concidadãos.

**ABSTRACT:** *The illustrious House of Ramires, The city and the mountains* and *The Correspondence of Fradique Mendes* represent a new ideological position for Eça de Queirós. In these three pieces, the author defends the society's necessity of adopting an original position on thinking and the elimination of old concepts at the end of that century. Therefore, the three texts are seen in this work as a trilogy and the main characters represent the author's proposal: Gonçalo is the rural Portuguese that seeks the power to change in the past; Jacinto is the cosmopolitan Portuguese that returns to his origins to dialogue with his country and with the world; Fradique is the global Portuguese that freely circulates around the continents. The trilogy presents proposals for a new century: to make man free from the shackles that tied him to the romantic nationalism, to the blind belief on science, to the power of the church and to the great philosophical systems.

**Keywords:** Last Eça, Realism-naturalism, End of century

## REFERÊNCIAS

AMORIM, C.M.S. *Entre a queda na cidade e a ascensão na serra – as trajetórias de Calisto e Jacinto na segunda metade de oitocentos*. Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa, UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

BATALHA REIS, Jaime. “Anos de Lisboa (Algumas lembranças)”. In *Anthero de Quental: In Memoriam*. Porto: Mathieu Lugan Editor, 1896.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo (Obras Escolhidas – Volume III)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CASTELO BRANCO, M. Carmo. “O discurso amoroso de C. Fradique Mendes”. In *Revista da UFP*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1997.

DAVID, Sérgio Nazar. “De estrangeiros, estrangeirados, imigrantes e proscritos. Almeida Garrett e Eça de Queirós no espelho da Europa. Viagem e história social. Portugal ontem e hoje”. In VILAS-BOAS, Gonçalo; OUTEIRINHO, Maria de Fátima (Org.). *Cadernos de Literatura Comparada: Revista do Instituto de Literatura Comparada da Universidade do Porto*. Nº 18. Porto: Universidade do Porto, 2008.

\_\_\_\_\_. *O século de Silvestre da Silva, vol. 1: estudos sobre Almeida Garrett, A.P. Lopes de Mendonça, Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis*. Lisboa: Prefácio, 2007a.

\_\_\_\_\_. *O século de Silvestre da Silva, vol. 2: estudos queirosianos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007b.

FONSECA, Fernando Taveira da. “Elites e Classe Médias”. In MATTOSO, José (Org.) *História de Portugal – O Liberalismo. Vol. 5*. Coord. Luís Torgal & João Lourenço Roque. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

LIMA, Isabel Pires de. “Fradique e o dandismo”. In MATOS, A. Campos (Org.) *Suplemento ao dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Ed. Caminho, 2000.

\_\_\_\_\_. “Vencidismo e dandismo ou o heroísmo decadente de Carlos Fradique Mendes”. In *Revista da Universidade de Aveiro / Letras – números 6-7-8*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1993.

LOURENÇO, Eduardo. *Nós e a Europa ou as Duas Razões*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.

MARNOTO, Isabel. “A correspondência de Fradique Mendes: o brilho do efêmero”. In MATOS, A. Campos (org.) *Suplemento ao dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Ed. Caminho, 2000.

MATOS, A. Campos (Org.). *Dicionário de Eça de Queirós*. Lisboa: Editorial Caminho, 1988.

\_\_\_\_\_. *Suplemento ao dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Ed. Caminho, 2000.

MORNA, Fátima de Freitas. “A ilustre casa de Ramires e a balada romântica”. In

MATOS, A. Campos (Org.). *Suplemento ao dicionário de Eça de Queiroz*. Lisboa: Ed. Caminho, 2000.

MOURA, Helena Cidade. “Nota final”. In QUEIROZ, Eça de. *A correspondência de Fradique Mendes*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2002.

PIEIDADE, Ana Nascimento. *Fradiquismo e modernidade no último Eça (1888-1900)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Correspondência de Fradique Mendes*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. *A Ilustre Casa de Ramires*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2003.

\_\_\_\_\_. *A relíquia*. Porto: Porto Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. *A Torre de D. Ramires por Gonçalo Mendes Ramires*. São Paulo: Lacerda Editores, 1997.

\_\_\_\_\_. *Cartas inéditas de Fradique Mendes e mais páginas esquecidas*. Porto: Livraria Lello &Irmão Editores, s/d.

\_\_\_\_\_. *Notas Contemporâneas*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, s/d.

\_\_\_\_\_. *O crime do padre Amaro*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Mandarim*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.

\_\_\_\_\_. *O primo Basílio*. Edição Livros do Brasil, 2000.

\_\_\_\_\_. *Os Maias*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2000.

- \_\_\_\_\_. *Últimas páginas (Manuscritos inéditos)*. Porto: Livraria Lello &Irmão Editores, s/d.
- \_\_\_\_\_. “Um gênio que era um santo”. In *Anthero de Quental: In Memoriam*. Porto: Mathieu Lukan Editor, 1896.
- QUEIRÓS, Eça de; ORTIGÃO, Ramalho. *O mistério da estrada de Sintra*. Porto: Livraria Lello &Irmão Editores, s/d.
- REAL, Miguel. *O último Eça*. Lisboa: Quidnovi, 2006.
- REIS, Carlos. *Eça de Queirós: consul de Portugal à Paris (1888-1900)*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O essencial sobre Eça de Queirós*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Sobre as obras finisseculares de Eça de Queirós”. In *Voz Lusíada – número 16*. São Paulo: s.n., 2001.
- SERRÃO, Joel. *O primeiro Fradique Mendes*. Lisboa: Livros Horizonte, 1985.
- SIMMEL, Georg. “A Metrópole e a Vida Mental”. In VELHO, Otávio Guilherme (Org.) *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.
- SINGER, Ben. “Modernidade, Hiperestímulo e o Início do Sensacionalismo Popular”. In CHARNEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa R. (Org.). *O Cinema e a Invenção da Vida Moderna*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- SOUSA, Frank F. *O segredo de Eça. Ideologia e ambiguidade em A cidade e as serras*. Lisboa: Edições Cosmos, 1996.
- WIRTH, Louis. “O urbanismo como modo de vida”. In VELHO, Otávio Guilherme (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985.